

VELAS, FESTEJOS E VITRAIS: A BÍBLIA MEDIADA PELA RELIGIÃO TRADICIONAL NA INGLATERRA MEDIEVAL- TARDIA

CANDLES, FESTIVALS AND STAINED GLASSES: THE BIBLE MEDIATED BY TRADITIONAL RELIGION IN LATE-MEDIEVAL ENGLAND

Marcelus Mendes Ferreira Zampier⁸⁷

Artigo recebido em 31 de julho de 2024

Artigo aceito em 10 de dezembro de 2024

Resumo: O objetivo deste trabalho é oferecer um panorama da religiosidade inglesa entre os séculos XV e XVI a partir do conceito de “religião tradicional” de Eamon Duffy. Analisando os festejos do calendário litúrgico, com destaque para a festa da Candelária, conclui-se que a religião tradicional produz uma mediação da Escritura ao laicato, que passa a enxergar as cenas bíblicas a partir das dinâmicas dos festejos.

Palavras-chave: religião tradicional; Inglaterra; catolicismo medieval-tardio; candelária

Abstract: This article aims to offer an overview of the English religiosity between the 15th and 16th centuries from the Eamon Duffy’s concept of “traditional religion”. Analysing the festivals of the liturgical calendar, highlighting the Candlemass, it is concluded that the traditional religion produces a mediation of the Scripture to the laity, who start to see the biblical scenes from the dynamics of the festival.

Key-words: traditional religion; England; late-medieval catholicism; candlemass

I. A nostalgia de Roger Martyn: religião tradicional na Inglaterra

Roger Martyn cresceu em Long Melford, no condado de Suffolk. Ele morreu em 1615, aos 88 anos, deixando um relato afetivo de sua vida no vilarejo. Sua infância, na década de 1530, foi marcada pela vivência centrada na *Holy Trinity Church*, recém-construída na época, em seus festejos, liturgias e devoções – hábitos comuns aos moradores de seu vilarejo e de toda a Inglaterra. É com um tom nostálgico que ele se recorda do grande crucifixo no interior da igreja, das imagens da Virgem Maria e S. João Evangelista, das pinturas que ornamentavam o interior e o exterior das capelas, do altar e seus ornamentos. A família Martyn contribuía financeiramente com o sustento do local – o próprio Roger viria a ser

⁸⁷ Graduado em História pela PUC-Rio (marcelusmendes0@gmail.com)
<https://orcid.org/0009-0009-2168-461X>

sepultado em uma das capelas. Recordando os festivais do ano litúrgico, ele descreve as procissões, peças teatrais, missas e refeições coletivas. Havia fogueiras em alguns festejos, nas quais os mais pobres ganhavam pão e cerveja; na fogueira da véspera do dia de São Tomé, o pai de Roger convidava alguns amigos e vizinhos com menos posses para um jantar. As memórias de Roger Martyn se entrelaçam com descrições da agitada vida paroquial de seu vilarejo, algo que nos ajuda a entender a profundidade do aspecto cultural do catolicismo medieval-tardio na Inglaterra. (HAIGH, 2012, pp.1-11)

Escrevendo no início do século XVII, é possível entender o tom nostálgico de suas memórias: muita coisa mudou na religiosidade de seu vilarejo e quase tudo o que recordara com carinho já não existia mais. Depois de vários decretos que moldaram uma Reforma na Igreja da Inglaterra, a *Holy Trinity Church* perdera as características tão amadas por Roger Martyn: o altar foi removido, bem como o crucifixo e as imagens dos santos. Não havia mais guildas, procissões, nem festejos do calendário litúrgico. Como lembrança material de sua infância, Martyn guardou algumas peças da igreja: um crucifixo, o órgão e um sino. Sua atitude pode nos indicar que ele aguardava o momento em que, diante de novos decretos, o catolicismo pudesse voltar a ser vivido em seus aspectos tradicionais, na esperança que as próximas gerações pudessem ter uma infância tão católica e divertida quanto a dele. “Quando Roger Martyn era uma criança, a Igreja inglesa – e a igreja de Long Melford – parecia inabalável” (HAIGH, 2012, pp.11), com uma pulsante vida paroquial.

As memórias de Long Melford são bem parecidas com a de outro vilarejo: Morebath, no sudoeste da Inglaterra. Mesmo com apenas trinta e três famílias em 1531, o local contava com uma vida paroquial enérgica, bem como uma profunda devoção. Os jovens se reuniam em sua fraternidade, as noivas e as mais anciãs em seus respectivos grupos de oração, e, assim, a igreja servia como ponto de unidade social dos moradores de Morebath. Todos os paroquianos se uniam quando o objetivo era embelezar o lugar de culto e ornamentá-lo com novas imagens e pinturas ou revitalizar aquelas que já possuíam. Fundos eram levantados pelas guildas ou como iniciativa própria dos membros da paróquia com o objetivo de adquirir novos instrumentos para a adoração, pagamento dos

sacerdotes que intercediam a Deus pela alma dos mortos no purgatório e os novos projetos para ampliação e manutenção da igreja. Os mais pobres não deixavam de doar, nem que as quantias fossem insignificantes perto do todo que deveria ser arrecadado. Isso indica que, ricos ou pobres, os moradores de Morebath se importavam com a beleza de sua igreja e doariam, proporcionalmente à sua renda, valores altos para manter seu esplendor. (HAIGH, 2012, pp.30-31)⁸⁸

Não faltavam na Inglaterra paróquias como Long Melford e Morebath, nas quais o cuidado com a igreja local, suas instrumentárias e seus serviços fossem notórios. Centenas de novas igrejas foram construídas ou remodeladas entre o fim do século XV e início do XVI, nas quais os fundos para construção, bem como a própria construção, foram levantados pelos próprios paroquianos. Homens e mulheres leigos, com seu próprio dinheiro e trabalho ergueram as igrejas que mais tarde lotariam com esculturas, pinturas, órgãos, altares, capelas, e outros tantos instrumentos que ornamentavam o local de culto. Além disso, era comum que os paroquianos deixassem quantias específicas em seus testamentos para o melhoramento das estruturas das igrejas. Toda essa união do laicato possibilitava um inventário consideravelmente grande para as igrejas, sejam elas urbanas ou rurais. Em 1368, 358 igrejas nos arredores de Norwich foram visitadas para conferir se itens básicos como vestimentas para os sacerdotes, missais, saltérios e afins estavam presentes, e somente em um punhado delas havia itens faltando. A maioria contava com excesso de instrumentária, o que indica o zelo dos fiéis em cuidar e investir seu próprio dinheiro em sua paróquia. (DUFFY, 2005, pp.131-134). “Se pudermos tomar como um axioma da natureza humana que seu coração está onde seu dinheiro está, então os corações dos homens e mulheres da Inglaterra do medievo tardio e início da era Tudor estavam em suas igrejas paroquiais” (DUFFY, 2005, p.132).

Aqueles que doavam para as paróquias tinham seus nomes lembrados pelos sacerdotes em seus serviços de adoração, rogando a Deus que suas almas fossem promovidas do Purgatório ao Paraíso de forma mais rápida e menos

⁸⁸ Uma discussão maior sobre o vilarejo de Morebath pode ser vista em DUFFY, Eamon. *The Voices of Morebath: Reformation and Rebellion in an English Village*. New Haven, 2001

dolorosa. Os ingleses do medievo tardio ansiavam pelo descanso eterno de sua alma no Paraíso ao mesmo tempo que temiam pelo Inferno. Este, porém, era o lugar dos incrédulos e daqueles que não tomavam parte dos sacramentos nem viviam uma vida caridosa. O Paraíso, por sua vez, só era o destino imediato dos santos que viveram nesta Terra; os que cometeram pecados que não foram confessados nem cumpriram as penitências necessárias teriam que purgar seus pecados, de modo a purificar sua alma, tornando-se santos e dignos de entrar no Paraíso (DUFFY, 2005, p.341). O Purgatório era descrito com vivacidade nos sermões, e os pregadores argumentavam sobre a necessidade de levar uma vida piedosa nesta Terra para que seus sofrimentos fossem menores no porvir. Descrições sobre o lugar não faltavam. Livros como *St Patrick's Purgatory* e as revelações de Santa Brígida da Suécia registram pessoas sendo atormentadas de diversas maneiras – os adúlteros são pendurados pelas partes íntimas, os glutões bebem veneno e os mentirosos têm suas línguas cortadas. Esse não é o Inferno, e o destino das almas que têm seus pecados purgados é o Paraíso; nem por isso os cristãos ingleses deixariam de temer os anos tortuosos que passariam no Purgatório (DUFFY, 2005, pp.338-339). Por isso, preocupavam-se em participar das atividades paroquiais, de modo a expressar suas obras de caridade em vida, diminuir os pecados a serem purgados e, por fim, deixar uma quantia em seus testamentos destinada à manutenção de um sacerdote que promoveria missas em favor de sua alma no purgatório, guiando-a até o Paraíso. Contribuir com a igreja paroquial, portanto, era forma de expressar sua adoração ao Senhor em vida e uma preocupação com a salvação da alma após a morte.

Ao morrer em 1490, John Fiske, morador de Eye, no condado de Suffolk, deixou em seu testamento uma quantia para a manutenção de um sacerdote que rezaria por ele todos os dias, bem como pelos demais membros da fraternidade local, a *Blessed Virgin at Eye* (DUFFY, 2005, p.142). No início do século XVI, Londres chegou a ter 81 guildas e 25% dos testamentos deixavam quantias para as guildas; em Norwich haviam 31, e a porcentagem de pessoas que deixavam quantias para as fraternidades em seus testamentos era de 22% (HAIGH, 2012, p.36). Se o purgatório era uma doutrina importante no catolicismo inglês e os sacerdotes poderiam promover uma ascensão mais rápida dos fiéis ao paraíso,

então uma importantíssima função das fraternidades, também chamadas de guildas, era a de assegurar que missas estavam sendo celebradas pelas almas dos membros que já partiram.

As guildas eram organizações via de regra voltadas à devoção, dedicadas a algum santo ou aspecto da adoração de Jesus.⁸⁹ Elas se proliferaram a partir da metade do século XIV e continuavam a ser fundadas até sua proibição durante as reformas do século XVI conduzidas pela coroa e parlamento. Manter velas acesas diante da imagem do seu patrono da igreja paroquial e sustentar os sacerdotes que promoveriam as missas pela alma dos membros falecidos eram algumas de suas mais importantes atribuições, bem como a de promover peças teatrais e jantares nos festejos do calendário litúrgico, servindo como um meio de união da comunidade paroquial. Outros dois aspectos das guildas merecem destaque: promover a caridade e auxiliar na manutenção da igreja paroquial. As fraternidades auxiliavam as famílias mais pobres a enterrar seus entes queridos, bem como forneciam alívio financeiro aos membros que quebravam por motivos que não fossem o uso extravagante do dinheiro. Quanto à manutenção da igreja paroquial, recorramos ao exemplo da igreja de Todos os Santos em Roughton, Norfolk, quando três fraternidades foram criadas com o objetivo de prover para a igreja livros para as missas, vestimentas sacerdotais e velas (DUFFY, 2005, pp.134-135,142-144). Tantos são os exemplos de dinheiro sendo arrecadado pelas guildas para a manutenção e embelezamento das igrejas.

O esplendor das paróquias, em sua instrumentária, decoração e devoção dos seus fiéis era o esplendor do catolicismo por toda a Inglaterra. A alta atividade paroquial no país pode nos indicar uma alta demanda de sacerdotes, um possível motivo para grande número de ordenações sacerdotais entre o fim do século XV e início do XVI (HAIGH, 2012, p.40-42). Afinal, não se pode ministrar um sacramento sem um sacerdote, e estes eram vitais para promover as missas

⁸⁹ Algumas guildas, principalmente nas grandes cidades, tinham algumas funções econômicas, como troca de mercadorias. Algumas, como a de Nossa Senhora em Boston, tinha privilégios como a absolvição papal dos pecados. Duffy dedica um capítulo do seu livro ao estudo das guildas e sua relação com a religião paroquial. cf. DUFFY, 2005, pp. 131-154.

pelas almas dos mortos. Vemos, portanto, a importância da doutrina do sacerdócio para a religião medieval tardia inglesa.⁹⁰

Mais ordenações significavam mais exames e entrevistas com os candidatos, e quantidade nem sempre acompanha a qualidade. A maioria chegava ali sem o preparo e as qualificações necessárias para o sacerdócio, mas mesmo assim eram ordenados sob a promessa de que buscariam estudo. É provável que 90% dos sacerdotes tenham adquirido seu aprendizado enquanto serviam na paróquia, observando e imitando os sacerdotes mais experientes (HAIGH, 2012, p.40-42). Nem todos sabiam ler e interpretar bem o latim, bem como tinham dificuldades em conhecer algumas colunas do catolicismo, como os Dez Mandamentos, o Credo e o Pai Nosso. Em 1551, o vicário de Wotton-under-Edge, uma cidade do condado de Gloucestershire, constatou que, entre seu clero, nove não sabiam quantos mandamentos haviam, 33 não sabiam em que lugar da Bíblia eles estavam – o evangelho de Mateus foi a opção principal deles – e 168 não sabiam recitá-los. Dez não puderam recitar o Credo e 216 não souberam como prová-lo. Trinta e nove não souberam a localização do Pai Nosso na Bíblia, 34 não souberam dizer seu autor e outros 10 não puderam recitá-lo (DANIELL, 2001, p.77-78).

Sacerdotes são seres humanos como seus paroquianos e, como tais, suscetíveis aos erros, às tentações e ao pecado. Mas, enquanto representantes da Igreja, cabia aos bispos inspecionar as paróquias e corrigir os erros encontrados. Os que foram ordenados sob promessa de procurar seguir nos estudos e fossem reprovados após uma reavaliação episcopal seriam afastados do sacerdócio (HAIGH, 2012, p.43-43). Os fiéis esperavam envolvimento de seus sacerdotes no serviço litúrgico e no cuidado pastoral, e reportavam aos bispos aqueles que julgavam fazer um trabalho insatisfatório (DUFFY, 2005, 140-141) – isso incluía os quadros de atividade sexual proibida. Nem por isso, porém, deve se generalizar o clero inglês como lascivo. Em 1499, as 489 paróquias do condado de Suffolk registravam somente oito alegações de atividade sexual do clero; em

⁹⁰ Diante disso, vemos que a doutrina evangélica do sacerdócio universal dos crentes é uma ruptura não só com as funções eclesiais dos padres e bispos, mas com toda a estrutura da religião tradicional.

Kent, entre 1511-12, seis (HAIGH, 2012, p.41). Os sacerdotes não eram, via de regra, estigmatizados como corruptos ou ignorantes, mas respeitados e admirados. Isso se deve, em parte, ao fato de que boa parte deles servia em sua cidade natal ou nas redondezas: entre o fim do século XV e início do XVI, 20% das famílias de Norwich tinha um membro na Igreja (HAIGH, 2012, p.44). Esses que buscavam uma oportunidade no sacerdócio, o faziam sabendo da cobrança dos bispos e das demandas dos paroquianos. Sejam quais tenham sido suas intenções ao ingressar no serviço eclesiástico, não teriam abertura para levar uma vida desregrada; antes, seriam compelidos a um idôneo trabalho pastoral.

Cabia ao sacerdote celebrar a mais importante prática do catolicismo medieval: a Missa. Se “a liturgia atingia o coração da religião medieval”, a “Missa atingia o coração da liturgia” (DUFFY, 2005, p.91). Na celebração da Missa, o sacerdote proporciona ao fiel, através da consagração da hóstia, a visão do Calvário, onde Cristo foi crucificado na sexta-feira da paixão. Questionamentos quanto a natureza simbólica e espiritual do pão e do vinho haviam sido levantados no século XIV por John Wycliff, e seriam endossados pelos reformadores no século XVI. No imaginário católico, porém, o sacerdote, ao pronunciar as palavras do missal para a consagração da hóstia, era o intermediário divino na realização do milagre da transubstanciação – o pão e o vinho se tornavam a verdadeira carne e o verdadeiro sangue de Jesus. Hinos como *Pange Lingua Gloriosi*, composto por S. Tomás de Aquino, ilustram a reverência do catolicismo medieval à Missa e ao sacramento da Eucaristia.

Um trecho da tradicional oração medieval de recebimento da hóstia, *Salve Salutaris Hostia*, diz: “Eu posso ser digno de ser incorporado ao Teu corpo, que é a Igreja” (DUFFY, 2005, p.93). Há no Novo Testamento duas maneiras de se participar do corpo de Cristo: pelo sacramento da Eucaristia, instituído pelo próprio Jesus na noite em que foi traído (Mateus 26.26-29), e sendo membro da Igreja, que, segundo o Apóstolo Paulo, é o corpo de Cristo, o qual é o cabeça e comanda seus membros (Colossenses 1.18). No século XVI, católicos e evangélicos discordariam da natureza de ambos aspectos do corpo de Cristo, tanto a natureza da Eucaristia quanto a definição de Igreja. No imaginário católico da Idade Média tardia, porém, o termo *Igreja* se referia à Igreja Católica

Apostólica Romana, fundada pelo próprio Jesus, cujo Papa era o vicário de Cristo e sucessor de São Pedro. No trecho da oração supracitado, a conexão entre Eucaristia e pertencimento ao corpo que é a Igreja estabelece uma conexão entre o sacramento e a união comunal dos membros da Igreja Católica, estendida à cada igreja paroquial.

Missas eram celebradas diariamente nos altares principais ou nas capelas, sejam elas rotineiras ou especiais, encomendadas pelas guildas. Os fiéis poderiam, todos os dias, ser transportados ao Calvário em sua visão e paladar, vendo e provando do sacrifício de Cristo. Mas eram poucos os que frequentavam às Missas celebradas durante os dias da semana, e nem todos iam à Missa todos os domingos (DUFFY, 2005, pp.109-116). Havia um fim de semana, porém, em que a demanda por confissões e recebimentos da hóstia era tão grande que paróquias precisavam de um contingente extra de sacerdotes para realizar a tarefa: a Semana Santa e a Missa do domingo de Páscoa. Nesse período, os fiéis eram convidados a perdoar as ofensas contra eles e pedir perdão pelas suas; um momento de união paroquial ao redor do sepulcro pascoal e da sagrada hóstia (DUFFY, 2005, p.93-95). Festejos, como os da Semana Santa, atingiam o coração do laicato por meio das tradições, procissões, peças teatrais e canções. No próximo tópico, buscaremos entender seus efeitos na concepção de cristianismo da Inglaterra medieval tardia.

Neste tópico, pretendeu-se fornecer ao leitor um panorama geral da religiosidade medieval tardia em diferentes regiões da Inglaterra nos seus diferentes aspectos. Diante disso, é possível perceber que a vida paroquial tinha um significado importante para os fiéis, que tinham na igreja paroquial o centro de sua religiosidade e sociabilidade. Na verdade, quando se fala em final do século XV e início do XVI, a religião não é uma esfera da vida separada da cultura. As imagens, os sacramentos e as guildas, características do imaginário católico, faziam parte tanto da religião quanto da cultura inglesa. Nesse sentido, temos uma religião tradicional. Passemos agora a um outro aspecto importante: os festejos.

II. O papel didático dos festejos

Nas memórias de Roger Martin, tanto o aspecto de devoção privada quanto o aspecto mais alegre dos festejos e tradições do ano litúrgico são descritos com igual vivacidade e importância. Na análise de Duffy, isso indica que não se pode estabelecer uma ordem de importância entre ambas manifestações do catolicismo medieval-tardio. Seja de ordem contemplativa na recepção dos sacramentos, seja nas peças realizadas pelas guildas nos festejos, portanto, o fiel católico era chamado a prestar a sua adoração a Deus. E o ano litúrgico conduzia não só essa adoração, indicando as épocas pelas quais o fiel comemoraria o nascimento, tentação, morte e ressurreição de Jesus, mas também influenciando nas escolhas individuais das pessoas em sua vida privada. Ninguém poderia, por exemplo, se casar durante as quatro semanas do Advento, nem nas seis semanas da Quaresma. Além disso, era esperado que alguns jejuns fossem observados por todos na Quaresma, Semana Santa, bem como em alguns dias em que se comemoram festas de santos específicos, no qual o jejum se dá como forma de veneração ao santo. Dependendo da região do país, esses dias de jejum poderiam chegar a 70 dias no ano. Se abster do trabalho também era requisitado em alguns dias em que a participação da liturgia era requisitada. Após o rompimento com Roma, na década de 1530, várias dessas festas que comemoravam a vida dos santos e as épocas da vida de Jesus foram proibidas, em um movimento de afastamento da tradição católica. Ao longo do século XV e no início do XVI, porém, esses festejos que demandavam dias sem trabalho chegavam a 40 ou 50 dias no ano, dependendo da localidade. (DUFFY, 2005, p.39-42).

O calendário litúrgico celebra os eventos da vida de Jesus – Advento, Natal, Quaresma, Páscoa –, manifestações específicas de sua adoração – Santo Nome de Jesus ou Corpus Christi, por exemplo – e dias de santos da Igreja. Cada data tinha sua maneira de ser comemorada, com os ritos oficiais, como procissões e missas, ou as tradições locais, muitas delas paralitúrgicas, como meio de expressão do laicato. Entre estas últimas, por exemplo, estão as tradições das festas de São Nicolau ou dos Santos Inocentes, nas quais crianças se paramentavam com roupas sacerdotais (DUFFY, 2005, p.13-14). Por mais que seja uma tradição popular, era um meio de rememorar a data em espírito festivo,

o que gera união comunal, e também ensina que “dos tais é o Reino dos Céus”, como disse Jesus em Mateus 19.14.

Um aspecto importante nestes festejos é a participação ativa do leigo em sua execução. Ele estaria aprendendo sobre a sua fé não apenas na contemplação dos sacramentos ou no escutar do sermão, mas também na emulação dos feitos de Jesus. Tendo em consideração que boa parte desse laicato é analfabeta, mesmo que a imprensa tenha começado sua difusão a partir dos meados do século XV, poucas seriam as pessoas comuns que se debruçariam em livros para aprender sobre Jesus ou os santos da Igreja. É, portanto, na rememoração lúdica, nas tradições e festejos, que o fiel tinha um importante meio de aprendizado sobre a fé católica.

O tríduo pascoal começa na Quinta-feira, quando, após a missa, os ornamentos dos altares eram removidos, emulando a remoção do corpo de Cristo pela morte. Algumas igrejas realizavam também a cerimônia do lava-pés, como feito por Jesus, segundo o evangelho de João. Na sexta-feira, o dia em que Jesus foi crucificado, a narrativa da Paixão de Cristo segundo São João era lida. Quando o trecho “eles dividiram minhas vestes entre si” era lido, os clérigos, que conduziam a leitura, rasgavam também as suas roupas. Tendo a leitura terminado, um crucifixo era trazido para dentro da Igreja, o qual era beijado pelos sacerdotes e leigos (todos ajoelhados, beijando o pé da cruz) e conduzido até o local onde o Santo Sepulcro estava preparado. Ali, velas eram acesas em honra à morte de Cristo e os fiéis se revezavam em vigílias. No domingo de manhã, quando se comemora a ressurreição, aquele crucifixo era conduzido triunfantemente igreja a dentro, com cantos sobre a ressurreição sendo entoados (DUFFY, 2005, p.28-30).

Três aspectos merecem um destaque nesse festejo. O texto bíblico do evangelho de João não era lido em língua vernacular, mas em latim. O fiel, a não ser que fosse versado na língua oficial da Igreja (o que era bem improvável), não aprenderia muito do que estava sendo lido. O gesto de rasgar as roupas ajuda o ouvinte a saber em que parte a leitura está, bem como a remoção dos ornamentos dos altares, na quinta-feira, ensina sobre a morte de Jesus. O texto bíblico, mesmo sendo lido, é ensinado ao fiel por meio das tradições litúrgicas.

Essa mediação pode ser percebida também na reprodução do “funeral” de Jesus. Duffy chama atenção que o sepulcro era uma parte central da liturgia da Semana Santa pelo modo em que dava uma “expressão dramática ao ensino ortodoxo” e por ensinar não só sobre o poder salvador da morte de Cristo, mas também sobre a doutrina da Eucaristia (DUFFY, 2005, p.31). A Hóstia, elemento central da Missa, a qual é transformada em verdadeiro corpo e sangue de Jesus pela consagração do sacerdote, ganhava papel de destaque na adoração do Santo Sepulcro. Ao mesmo tempo em que aprendia sobre a morte e ressurreição de Jesus, o fiel era ensinado que, enquanto católico, o mesmo Cristo, morto na cruz, estava presente corporalmente no pão consagrado pelo sacerdote em cada Missa celebrada. A religião tradicional se põe como mediadora dos textos bíblicos, bem como ensina sobre si mesma, na medida em que o fiel aprende sobre determinadas doutrinas enquanto pratica as tradições dos festejos. Um último aspecto merece, enfim, destaque. Era comum que as igrejas tivessem, incorporadas à sua arquitetura, um sepulcro pascoal. Ele era frequentemente financiado pelos leigos e pelos mesmos adornados com pinturas (DUFFY, 2005, pp.33-34). Contribuir com a beleza da sua igreja paroquial é uma forma de abreviar os seus sofrimentos do purgatório. A devoção privada, na preocupação com o pós-morte, e a adoração coletiva, nas vigílias da sexta-feira da paixão, se misturam no sepulcro pascoal.

A Hóstia tinha um festejo próprio, o dia de *Corpus Christi*, corpo de Cristo em latim. Celebrada na Inglaterra desde 1318, o feriado era um dia para promover a caridade entre os vizinhos, que participavam lado a lado da procissão, bem como uma forma de celebrar a doutrina da transubstanciação. Durante os séculos XIV e XV, surgiram várias *Corpus Christi guilds* pelo país, que cuidavam das procissões em sua ornamentação, faixas e imagens, bem como promoviam peças teatrais para ensinar os leigos sobre as doutrinas católicas (DUFFY, 2005, pp.43-44). Peças teatrais eram um meio largamente utilizado durante o medievo tardio para ensinar sobre a fé cristã. Era um meio de catequese geralmente organizado pelas guildas, ou seja, por leigos, para incutir o imaginário católico na população. Para Duffy, essas peças teriam um enorme efeito didático e

imaginativo nas pessoas de menos instrução: “uma vez visto, jamais esquecido” (DUFFY, 2005, p.68).

No dia 2 de Fevereiro, quarenta dias após o Natal, a festa da Candelária era celebrada. Uma das datas mais importantes do calendário litúrgico, o festejo celebrava a apresentação do menino Jesus no templo de Jerusalém quarenta dias após seu nascimento, como ordenava a lei mosaica. A característica principal desse festejo, cujo o nome faz referência, é a procissão realizada na qual todo fiel deveria portar uma vela que, ao fim de procissão e início da Missa, deveria ser deixada no altar da igreja como forma de honrar a Cristo e à Virgem Maria. A vela seria uma representação de Cristo, o ungido de Deus para trazer luz ao mundo. E, no imaginário popular, as velas – já características da religião tradicional – consagradas na procissão teriam características de proteção e cura; eram frequentemente acesas nas casas durante tempestades ou diante dos doentes e mortos (DUFFY, 2005, p.15-17). Pode-se perceber, portanto, o impacto do festejo no cotidiano do leigo.

Todo fiel deveria estar presente no festejo. Há uma história de uma mulher devota que, impossibilitada de participar da procissão e da missa, teve uma visão do céu, na qual os anjos celebravam a cerimônia da Candelária. A própria Virgem Maria liderava a procissão, oferecendo uma vela ao sacerdote – o próprio Cristo (DUFFY, 2005, p.17). Toda a liturgia do festejo visa emular a apresentação de Jesus: assim como José e Maria, segurando menino Jesus, saíram de sua casa e caminharam até o Templo para apresentá-lo ao sacerdote Simeão, os fiéis católicos eram chamados a, segurando uma vela, caminhar pela cidade até a igreja para, guiados pelo sacerdote, celebrarem uma missa.

São várias as representações artísticas da Candelária, sejam escritas, como a história da visão celestial da mulher devota, sejam imagéticas, como pinturas e vitrais, ou mesmo apresentações teatrais. A guilda da *Blessed Virgin Mary at Beverly*, por exemplo, realizava uma peça em que os seus membros, paramentados como os personagens bíblicos, encenavam a apresentação de Jesus, que era representado por um boneco carregado por aquela adornada como Maria (DUFFY, 2005, p.20). O *Luttrell Psalter* do início do século XIV (1325-1340), que traz na parte inferior de suas páginas uma série de ilustrações sobre

a vida de Jesus, dos santos e do próprio cotidiano inglês, representa também a apresentação de Cristo no templo de Jerusalém. (figura 1).



Figura 1: Apresentação de Cristo no Templo

Fonte:

https://www.bl.uk/manuscripts/Viewer.aspx?ref=add_ms_42130_fs001ar
(fr.89)

Acesso em 09/06/2023

Chama a atenção, porém, que a presença das velas é comum a todas essas formas de apresentação. As velas, porém, não existem na cena descrita pelo evangelista Lucas. Simeão, um judeu devoto, teria recebido uma promessa de Deus que veria o messias com os seus próprios olhos. Quando o menino Jesus entrou no templo, a promessa foi cumprida e Simeão, pegando-o no colo, disse que ele seria uma luz para a salvação dos gentios e a glória de Israel. Para representar o pequeno Cristo como a *luz dos gentios*, uma vela era usada no festejo, que emulava esta cena. As representações artísticas, porém, acrescentam as velas como parte integrante da cena. Em um vitral da *Sts. Peter and Paul Church* em East Harling, por exemplo, o menino Jesus está no colo de Simeão enquanto José está segurando uma grande vela (figura 2). Esse vitral registra toda a vida de Jesus em ordem cronológica, desde o seu nascimento até a ressurreição e o envio do Espírito Santo no dia de Pentecostes (figura 3); a apresentação de Jesus no templo é uma das cenas representadas. Se os vitrais das igrejas ajudavam o leigo que não tinha acesso a Escritura a conhecer sobre a vida Jesus, este observaria a cena no vitral e não teria motivos para pensar que não havia uma vela no texto bíblico. A passagem bíblica forma o festejo, e o festejo forma o imaginário popular da passagem bíblica. O leigo sem

conhecimento do latim não teria acesso à Bíblia e, portanto, não pensaria na cena conforme o registro de São Lucas, mas conforme o festejo e suas representações artísticas. A religião tradicional, desse modo, se posiciona como mediadora da Bíblia.

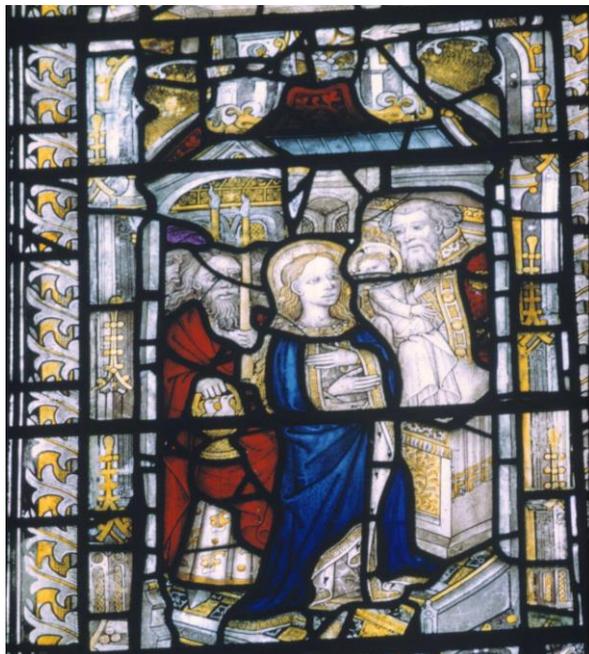


Figura 2: Apresentação de Jesus no templo de Jerusalém, vitral da *Sts Peter and Paul Church* em East Harling.

Fonte: http://www.cvma.ac.uk/jsp/record.do?mode=ADV_SEARCH&gridView=false&sortField=WINDOW_NO&sortDirection=ASC&rowsPerPage=20&selectedPage=2&photodataKey=11708&recordView=DETAIL.

Acesso em 21/09/2020

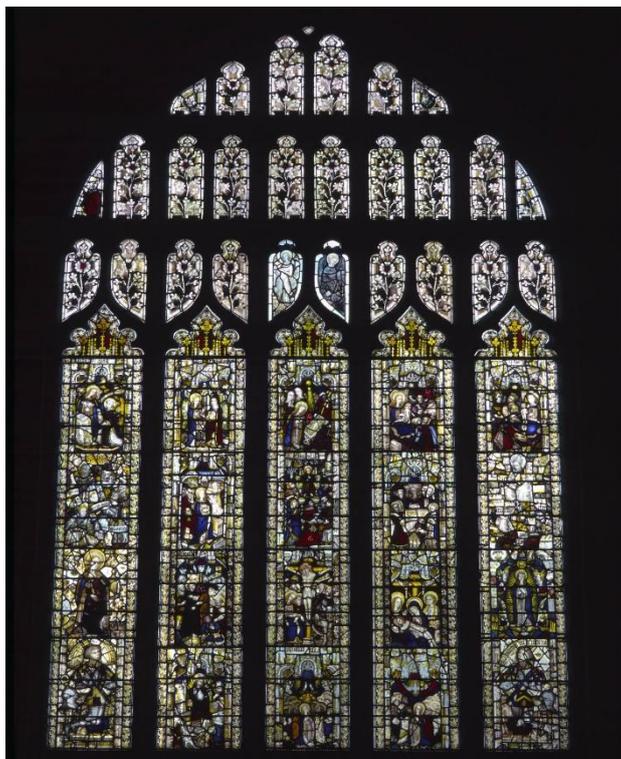


Figura 3: Vida de Jesus, vitral da *Sts Peter and Paul Church* em East Harling.

Fonte: http://www.cvma.ac.uk/jsp/record.do?mode=ADV_SEARCH&photodataKey=14350&sortField=WINDOW_NO&sortDirection=ASC&rowsPerPage=20&selectedPage=1&recPagePos=5

Acesso em: 21/09/2020

Considerações Finais

A nostalgia de Roger Martyn nos apresentam uma religiosidade medieval-tardia vívida e cheia de tradições, que mistura ortodoxia aos aspectos populares nos festejos do calendário litúrgico. Com esse panorama, não se pode inferir que o cristianismo das paróquias inglesas às vésperas da Reforma era decadente e desejoso por grandes mudanças teológicas. As doutrinas do sacerdócio, purgatório, transubstanciação e o estatuto da iconografia, atacadas pelos reformadores do século XVI, demonstravam vitalidade entre o laicato.

Vimos que uma das maneiras de se perpetuar esse imaginário católico está nas tradições dos festejos, local de diversão e aprendizado. Analisando em especial a Candelária, podemos perceber que a dinâmica lúdica do festejo forma o imaginário dos fiéis, unindo a cena bíblica às liturgias populares. As velas usadas na procissão inicialmente como artifício didático para ensinar sobre a apresentação de Jesus, “a luz do mundo”, no templo de Jerusalém, se tornam parte da representação iconográfica da cena bíblica. O mesmo fiel que vê no vitral José e Maria segurando velas é aquele que as acende em sua devoção

privada. Nesse sentido, concluímos que a religião tradicional se estabelece como mediadora da Escritura para os fiéis, que passam a conhecer os textos bíblicos pelas suas lentes. Com isso, queremos dizer que o imaginário católico medieval-tardio não é formado diretamente pelas Escrituras Sagradas, mas pela forma em que os festejos populares interpretam e encenam as cenas bíblicas.

Com este panorama de uma religião tradicional cheia de vitalidade, as ideias de Lutero não teriam fácil penetração no laicato ao cruzarem o Mar do Norte rumo às ilhas britânicas. Os reformadores teriam de pensar em estratégias para inserir seu ideário evangélico ao mesmo tempo que afastavam os cristãos ingleses do seu imaginário católico.

Referências Bibliográficas

DANIELL, David. **William Tyndale: A Biography.** New Haven: Yale Press University, 2001.

DUFFY, Eamon. **The Stripping of the Altars: traditional religion in England, 1400-1580.** New Haven: Yale University Press, 2005.

HAIGH, Christopher. **English Reformations: Religion, Politics, and Society under the Tudors.** Oxford: Oxford University Press, 2012.